

DESP
14/4/96 Pg. A-26
CLASS. 6

O ESTADO DE S. PAULO

GERAL

DOMINGO, 14 DE ABRIL DE 1996

PÁGINA A26

ESCÂNDALO

Isca humana é usada no Pará contra malária

Luiz Prado/AE

Técnicos da Fundação Nacional de Saúde se deixam picar por mosquitos para capturá-los

PABLO PEREIRA

ITUPIRANGA, Pará — Técnicos da Fundação Nacional de Saúde (FNS) são usados como cobaias numa pesquisa na Amazônia sobre inseticidas para combater o mosquito anofelino, transmissor da malária. Aplicando um método científico perigoso, eles são um exemplo do descaço do governo federal com a pesquisa e a saúde pública no País. Orientados pela direção da FNS, órgão do Ministério da Saúde, funcionários do núcleo de Marabá, sul do Pará, expõem o próprio corpo para atrair o vetor e acabam sendo vítimas da doença. São os chamados iscas vivas.

Até julho, um grupo de quatro a sete homens vai passar uma parte do inverno amazônico dando o próprio sangue aos mosquitos. No final da tarde, os técnicos se acomodam à beira de rios, Igarapé e charcos infestados de mosquitos, com o objetivo de capturar, até o final da temporada, 4.500 espécimes para testar a eficiência de 11 tipos de inseticidas, entre eles o DDT.

Canelas à mostra — Munidos de um banquinho de madeira, um aparelho chamado capturador, feito com um tubo de borracha de 50 centímetros na ponta de um cilindro de vidro de 30 centímetros com a espessura de um dedo, e uma lanterna, os agentes de saúde esperam a chegada dos mosquitos logo depois do pôr-do-sol olhando para os pés. O método consiste em calçar sapatos e meias pretas, levantar as pernas das calças e oferecer a canela a 52 espécies de mosquitos encontrados na região. Quando o inseto pousa, atraído pela isca viva, e começa a sugar o sangue, é a hora da captura — e de torcer para que aquele espécime não seja um transmissor infectado.

Na semana passada, o grupo trabalhava às margens do Igarapé Vermelho, a cerca de 5 quilômetros de Itupiranga, uma cidade de 34 mil habitantes encravada no quilômetro 50 da Rodovia Transamazônica. A região está infestada de anofelino darling, que transmite o pior tipo de malária, a falciparum, causada pelo *Plasmodium falciparum*.

No Brasil, segundo a FNS, há casos de outros dois tipos de malária, a vivax e a malariae. Os sintomas da malária se manifestam num período que vai de 8 a 30 dias após a contaminação. O plasmodium ataca os glóbulos vermelhos do sangue e as células do fígado. Pode ser detectado por meio de exame de sangue, mas não há vacina que previna o seu aparecimento.

Os agentes de saúde sugam os mosquitos para dentro do capturador e o assopram para o interior de um copo plástico que funciona como um insetário improvisado. Em cada copo são colocados 30 espécimes. No microscópio, eles são classificados e separados para a experiência com os inseticidas em laboratórios da FNS no Rio e em Brasília. Os mosquitos têm de ser capturados vivos.

A equipe da FNS de Marabá, responsável pelo atendimento de 14 municípios do sul do Estado, está sucateada e com uma área de 90 mil quilômetros quadrados para atender. Diante da falta de pessoal para trabalhar no combate ao mosquito, os coordenadores do programa de eliminação dos focos não têm outra alternativa. Recorrem ao Exército para tentar aumentar a cobertura nessa época de aumento de casos.

Na semana passada, o comando regional do Exército de Marabá recebeu um pedido para ceder 15 soldados para borrifação de 15.059 casas. Mesmo essa ajuda dos militares é difícil. O comando alega que só pode fornecer o chamado material humano. Carros, combustível e equipamentos ficam por conta da FNS.

Aí o programa volta a emperrar. Dos seis carros existentes na unidade da FNS de Marabá, dois estão quebrados. Duas voadeiras — os barcos usados para alcançar populações ribeirinhas — também não funcionam. Dos cinco jipes Engesa, ano 1986, quatro estão na oficina.

Temendo uma explosão no número de casos de malária no Estado, o secretário da Saúde do Pará, Vitor Mateus, falou à TV sobre a evolução da doença. Mateus aproveitou para jogar a culpa na migração de garimpeiros e sem-terra de Estados vizinhos, como Maranhão e Tocantins.



Técnicos usam meias pretas para atrair mosquitos (acima), que são capturados durante a picada com um tubinho (destaque): pesquisa

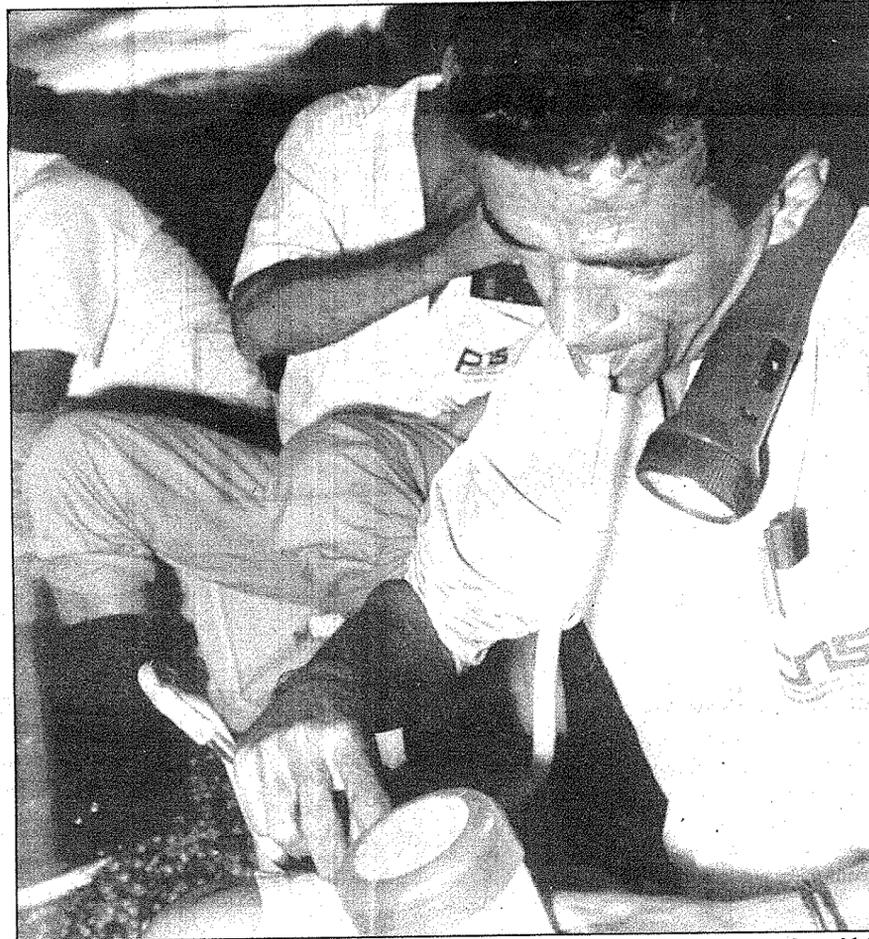


Estado teve 187 mil casos durante 1995

O Estado do Pará é o campeão nacional em incidência de malária, considerada a pior doença endêmica do País. Acredita-se que morrem quase 10 mil pessoas de malária por ano no Brasil. No ano passado, foram 187 mil casos da doença no Pará. Nos dois primeiros meses deste ano, no entanto, os números apontam para uma redução no número de infectados.

Em janeiro e fevereiro foram contabilizados 22.218 casos, contra 25.848 no mesmo período do ano passado. A informação é de Amiraldo Pinheiro, chefe do Programa de Combate à Malária da FNS em Belém.

A redução no volume de notificações fica em torno de 10%. Segundo Pinheiro, a doença atinge uma área de 25% do território do Estado. "Em 75% da área a doença está sob controle", afirmou. Ele disse ainda que mesmo com a redução no número de casos, a situação da doença é preocupante. "Queremos atingir a meta de não mais de 160 mil casos anuais", explicou Pinheiro. "Mas a situação ainda é muito difícil", alertou o médico.



Agente de saúde Deusedete Rodrigues Melo: meses fora de combate em razão dos acessos de malária

Encarregado da captura teve 8 acessos da doença

Em uma das vezes, a febre foi tão forte que técnico ficou dois meses fora de combate

ITUPIRANGA — A malária já derrubou oito vezes o agente de saúde Deusedete Rodrigues Melo, de 39 anos, um dos encarregados da captura de mosquitos para a pesquisa da Fundação Nacional de Saúde em Itupiranga. Morador da vizinha Marabá, Deusedete tem sete filhos. Nas duas últimas vezes em que a doença o atingiu já trabalhava na captura de mosquitos. Os outros seis acessos são da época em que ainda trabalhava no setor de borrifação de inseticidas.

Em 1990, a febre foi tão forte que Deusedete foi obrigado a ficar dois meses fora de combate. "Aquela foi a pior", disse ele na semana passada enquanto caçava na perna esquerda um mosquito em plena refeição.

Acessos — Anofelinos infectados pelo *Plasmodium falciparum* picaram também Adão Barbosa de Souza, 36 anos, dois deles como capturador da FNS. Adão já sofreu três acessos. Com um salário básico mensal de R\$ 250,00, Adão disse que há dia de trabalho que rende 720 mosquitos em duas horas de isca viva.

Submetidos diariamente ao trabalho, os servidores públicos parecem não querer falar dos riscos aos quais estão expostos. "Isso não está no contracheque, mas a gente tem que agüentar", disse Francisco Rodrigues de Moraes, de 36 anos, mais um que já sofreu com a febre da malária.

Sintomas — "Tem que ser no improvisado", admitiu Clodomiro Farias Lima, chefe da equipe de Itupiranga. Ele também já contraiu malária seis vezes, sendo que cinco delas do tipo *falciparum*. "A gente já conhece os sintomas e se medica logo", explicou Clodomiro. Essa rapidez na automedicação, segundo ele, impediu que a febre passasse do primeiro acesso. Como não há uma vacina contra a malária, os médicos costumam tratar a doença com remédios como a cloroquina, o quinino e a nefloquina. Atualmente, também estão sendo usados derivados da artemisina, uma erva chinesa.

Médico afirma que método é ilegal

Diretor de hospital crítica falta de política de saúde diferenciada para a Amazônia

ITUPIRANGA — O método usado pelos agentes de saúde da FNS para a captura do mosquito transmissor da malária é ilegal e equivocado. A opinião é do médico Geraldo Mendes de Castro Veloso, diretor-clínico do Hospital Celina Gonçalves, de Marabá. Veloso criticou a falta de uma política de saúde diferenciada para a Amazônia e chamou de absurda a forma como a pesquisa está sendo feita, com o uso de

iscas humanas.

"Está cientificamente errado", afirmou Veloso. "Não se pode permitir que seres humanos sejam usados como cobaias dessa forma", protestou. O médico disse que há outras maneiras de capturar o vetor. "Você pode usar animais", lembrou Veloso, que este ano vai arriscar-se na eleição para a prefeitura de Marabá como candidato pelo PFL. As alternativas, no entanto, não são usadas.

"É estranho usar pessoas como isca",

declarou o procurador-chefe da República no Pará, Paulo Rubio Souza Meira. Ele disse que desconhecia qualquer pesquisa sobre o mosquito anofelino que usasse os servidores públicos como atrativo. Souza Meira disse que conhecia o método de captura feito com um pano preto úmido esticado. "Nunca ouvi falar disso." Para ele, se a captura está ocorrendo com funcionários servindo de isca, "deve ser sem o conhecimento do departamento".

A posição do pro-

curador, no entanto, aponta a falta de informação entre os poderes sobre o que ocorre no campo da pesquisa no País. Mesmo sendo a Procuradoria da República do Estado o órgão que deveria investigar o caso, Souza Meira disse que não competia a ele falar sobre o assunto. "Procure o dr. Geraldo Brindeiro em Brasília", disse, alegando que se "se este problema existe ele é nacional, não só do Pará."

Mas o médico Amiraldo Pinheiro, chefe das equipes da FNS no Estado, discorda. "Esse método não é nenhuma novidade", explicou. Segundo ele, entomologistas capturam mosquitos usando isca humana há anos.

MEIRA: "É ESTRANHO USAR PESSOAS COMO ISCA"